

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta tese de livre-docência será disponibilizado somente a partir de **04/04/2026**.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
Departamento de Geografia



Tese Livre Docência

Território, Capital Financeiro e Agricultura

Land Grabbing e Fronteira Agrícola no Brasil

Tese apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (UNESP) como requisito para a obtenção de título de Livre Docente.

Prof. Dr. Samuel Frederico

Para Marina, com amor.

Agradecimentos

Esta tese não seria possível sem a contribuição de grande número de pessoas e instituições. Apesar do risco de cometer injustiças e esquecimentos, agradecê-las é registrar sua importância, generosidade e o reconhecimento de que este é um trabalho fruto de esforços coletivos.

Às agências de fomento que viabilizaram financeiramente a realização desta pesquisa, assim como os estágios de pesquisa no exterior, em particular, FAPESP, CNPq, Capes, pró-reitorias de Pesquisa e de Pós-Graduação da UNESP, Mincyt (Argentina) e Cofecub (França).

Aos colegas e funcionários do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP (Rio Claro), pelo suporte institucional.

Aos colegas da Rede de Pesquisa sobre Regiões Agrícolas (REAGRI) pelas discussões teóricas e pelo incentivo na condução desta pesquisa: Júlia Adão Bernardes, Ricardo Castillo, Denise Elias, Dimas Peixinho, Eve Anne Buhler, Mirlei Pereira, Ricardo Scherma, Roberta Arruzzo.

Aos colegas de universidades no exterior por me receberem e pela contribuição intelectual ao projeto, especialmente, a Martine Guibert, da Universidade de Toulouse (França); a Stefan Ouma, da Universidade de Frankfurt am Main (Alemanha); a Carla Gras, da Universidade General San Martin (Argentina); a Gabriela Maldonado, da Universidade Nacional de Rio Cuarto (Argentina) e a Cindi Katz, da Universidade da Cidade de Nova York (EUA).

Aos colegas do Núcleo de Estudos sobre Reforma Agrária (NERA), da UNESP (Presidente Prudente), especialmente, a Bernardo M. Fernandez, Lorena Iza e Felipe Rincon, que muito contribuíram na discussão teórica e na coleta e sistematização de dados sobre a presença do capital financeiro no agronegócio brasileiro.

Aos meus alunos e bolsistas que contribuíram para a elaboração desta tese, no levantamento de dados, elaboração de gráficos e mapas e na realização de trabalhos de campo, especialmente, ao Rodrigo Cavalcanti do Nascimento, à Marcela Barone, ao Marcelo A. Teodoro, ao Yuri M., Saweljew, à Jaqueline Coguetto, ao Bruno Spadotto, à Bruna Albuquerque e ao Bruno Zucherato.

Aos colegas da Comissão Pastoral da Terra e da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos pelo suporte durante os trabalhos de campo, especialmente, ao Altamiram Ribeiro e ao Fábio Pitta.

A todo(a)s que nos receberam durante os trabalhos de campo: diretores, gerentes, agrônomos e funcionários de empresas agrícolas, funcionários públicos municipais e estaduais, representantes da sociedade civil organizada, produtores agrícolas, camponeses, etc.

Dedico esta tese à minha companheira Marina, pela contribuição intelectual e afetiva em todos os momentos desta pesquisa.

Resumo

Apesar de não ser um fenômeno novo no capitalismo, a aquisição em larga escala de terras se reveste de novas características no início do século XXI. A conjugação de diferentes crises (financeira, energética, ecológica e alimentar) despertou o interesse pelo investimento no mercado fundiário e agricultura por Estados soberanos e fundos financeiros, no que se convencionou denominar *land grabbing*. O território brasileiro não ficou indiferente a estas investidas. Dentre os países subdesenvolvidos, foi o que recebeu o maior aporte de investimentos em terra por fundos financeiros. A partir de revisão bibliográfica sobre a temática, levantamento e análise de dados e informações, especialmente, sobre composição societária e estratégias de acumulação das empresas agrícolas, e a realização de trabalhos de campo e entrevistas semiestruturadas com diretores corporativos, agricultores, organizações da sociedade civil, representantes do Estado e camponeses em diferentes regiões do território brasileiro e Argentina, entre 2013 e 2017, esta tese procurou responder a algumas questões: o que se entende pela noção de *land grabbing*? Qual sua relação com a financeirização da economia mundial? Como essa dinâmica se expressa em áreas de fronteira agrícola moderna? Quem são os investidores institucionais por trás das operações financeiras e das empresas do agronegócio? Quais são suas estratégias de acumulação e uso do território? Quais as consequências territoriais? De modo geral, evidencia-se como empresas do agronegócio, controladas por diferentes tipos de investidores financeiros, estabelecem relações transescalares de poder para acessar o mercado de terras e utilizam-se das técnicas da informação para captura da renda da terra, com importantes consequências territoriais, como aumento da concentração fundiária, desmatamento da vegetação de Cerrado e conflitos e expropriações de camponeses.

Palavras-Chave: Território usado; *land grabbing*; fronteira agrícola moderna, capital financeiro, agronegócio.

Abstract

Although not new in capitalism, the large-scale acquisition of land has new characteristics at the beginning of the 21st century. The combination of different crises (financial, energetic, ecological and food) has aroused interest in investment in the land market and agriculture by sovereign states and financial funds, in what is known as land grabbing. The Brazilian territory was not indifferent to this rush. Among the underdeveloped countries, it was the one that received most of the investments in land by financial funds. Based on a bibliographical review, analysis of data and information, especially on societal composition and strategies of accumulation of agricultural enterprises, and fieldwork and semi-structured interviews with CEOs, farmers, civil society organizations, representatives of the State and peasants in different regions of Brazil and Argentina between 2013 and 2017, this thesis sought to answer some questions: what is meant by land grabbing? What is its relation to the financialisation of the world economy? How does this dynamic express itself in modern agricultural frontier? Who are the institutional investors behind the financial operations and agribusiness companies? What are your strategies for accumulation and land use? What are the territorial consequences? In general, it is evident how agribusiness companies, controlled by different types of financial investors, establish trans-scalar relations of power to access the land market and use information techniques to capture land rent, with important territorial consequences, such as increased land concentration, deforestation of Cerrado vegetation and conflicts and expropriations of peasants.

Key-words: Territory used; land grabbing; modern agricultural frontier; financial capital, agribusiness

Sumário

Introdução	13
PARTE I	
TERRITÓRIO, FINANÇAS E <i>LAND GRABBING</i>	25
Capítulo 1	
Globalização e <i>land grabbing</i>	
O fenômeno de <i>land grabbing</i>	27
Regime de acumulação financeiro e <i>land grabbing</i>	34
Financeirização da economia e terra como ativo	41
Capítulo 2	
Território, agronegócio e <i>land grabbing</i>	
Agronegócio globalizado e <i>land grabbing</i>	47
Território usado e <i>land grabbing</i>	50
Psicoesfera: construção racional e discursiva da terra como investimento	54
Capítulo 3	
Capital financeiro e agronegócio	
Fundos financeiros e agronegócio globalizado	65
“Os novos reis do capitalismo”: a atuação das empresas e fundos de <i>private equity</i>	73
O capital financeiro por trás dos fundos do agronegócio	81
PARTE II	
<i>LAND GRABBING</i> E FRONTEIRA AGRÍCOLA MODERNA NO BRASIL	87
Capítulo 4	
Economia política do território e agronegócio no Brasil	
Economia política do território e exportações do agronegócio	89
Fases da expansão da fronteira agrícola e a terra como recurso	95
Capítulo 5	
Tipologia e articulação do capital portador de juros no agronegócio brasileiro	
Tipologia do capital portador de juros no agronegócio	113
O capital portador de juros brasileiro e a restrição à compra de terras por estrangeiros	122
Novas articulações entre o capital nacional e a finança internacional: as empresas do agronegócio de capital aberto na BM&Fbovespa	131
Feitas para durar: as estratégias das empresas japonesas	141
“Bárbaros na porteira”: o capital portador de juros da América do Norte e Europa Ocidental	148
As megaempresas argentinas: as estratégias da El Tejar	159

Capítulo 6

A transformação das terras de Cerrado em ativo financeiro

Da mercantilização à financeirização da terra 173

Tecnoesfera: tecnologias da informação e acumulação pela terra 176

Renda da terra e técnicas da informação 178

Capítulo 7

Entre verticalidades e horizontalidades: território usado no Sul do Piauí

Da verticalidade à horizontalidade no Sul do Piauí 207

Controle de terras no Sul do Piauí 216

Conclusão 239

Bibliografia 245

Glossário 259

Índice de Figuras, Gráficos, Imagens, Mapas, Organogramas, Quadros e Tabelas

Figuras

Figura 1 – Investidores dos fundos do agronegócio por origem do capital e relação com o setor	84
Figura 2 - Ciclo de transformação produtiva das terras de Cerrado	192
Figura 3 – Oposição entre Chapadas e Baixão, Piauí, 2017	210
Figura 4 – Desmatamento do Cerrado, Piauí, 2017	227
Figura 5 – Baixões, Piauí, 2017	234
Figura 6 – Cercamento das terras, Piauí, 2017	235
Figura 7 – Contrastes, Piauí, 2017	237

Gráficos

Gráfico 1 – Crescimento mundial do número de fundos agrícolas por tipo de investimento, 2005-2014	71
Gráfico 2 – Percentual de capital sob gestão por tipo de ativo financeiro, 2014	72
Gráfico 3 – Capital levantado pelos fundos de private equity (US\$ bilhões), 2003-2014	77
Gráfico 4 – Número de acordos (linha) e capital investido (US\$ bilhões) (barras) pelos fundos de private equity no agronegócio, 2008 a 2014	78
Gráfico 5 – Origem do capital alocado nos fundos de PE (%), 2001 a 2011	83
Gráfico 6 – Oferta de crédito rural, Brasil, bilhões de reais, 1969-2013	92
Gráfico 7 – Distribuição por estado (fronteira agrícola) das terras controladas pelo capital portador de juros, Brasil, 2015	117
Gráfico 8 – Quantidade de terras controladas (mil ha), El Tejar, 2006-2015	166
Gráfico 9 – Área adquirida, transformada e vendida (mil ha), BrasilAgro, 2006-2015	194
Gráfico 10 – Quantidade de terras controladas (ha), BrasilAgro, 2006-2015	196
Gráfico 11 – Quantidade exportada de soja em grão, milhões toneladas, regiões N/NE/CO e S/SE, 1996 -2013	197
Gráfico 12 – Área plantada de soja (mil hectares), Piauí, 1988 a 2015	209
Gráfico 13 – Região do Matopiba, Conflitos por Terra, 1996 – 2016	225

Imagens

Imagem 1 – Comunidades e expansão da monocultura de grãos, Sul do Piauí, 1984-2016	213
--	-----

Mapas

Mapa 1 - Fronteira Agrícola Moderna, <i>Belts</i> , Domínio Cerrado e Mesorregiões IBGE	98
Mapa 2 - Área Plantada (2013), Crescimento Percentual (2000-2013), Soja, Mesorregiões IBGE, Fronteira Agrícola Moderna	108
Mapa 3 – Quantidade de terras (ha) por estado (fronteira agrícola moderna) controlada pelo capital portador de juros, Brasil, 2015	117
Mapa 4 – Área produtiva e rotas de exportação de soja em grão, Brasil,	

2013	199
Organogramas	
Organograma 1 – Estrutura de funcionamento de um fundo do agronegócio	67
Organograma 2 – Participação dos investimentos alternativos no universo dos investimentos financeiros	68
Organograma 3 – Participação dos ativos alternativos no total dos ativos financeiros mundiais, 2013	69
Organograma 4 – Ciclo de investimento de fundos de Private Equity	74
Organograma 5 – Círculos de cooperação da empresa Vision Brazil Investments para atuação no mercado de terras agrícolas, 2015	124
Organograma 6 – Organização societária e parcerias da empresa SLC Agrícola, 2016	139
Organograma 7 - Círculos de cooperação da empresa TIAA, 2014	157
Quadros	
Quadro 1 – Capital portador de juros e empresas agrícolas, fronteira agrícola moderna, Brasil, 2015	114
Quadro 2 – Localização, extensão e uso das terras controladas pela empresa TIAA, 2014	155
Quadro 3 – Comunidades camponesas e conflitos, Sul do Piauí, 2017	229
Tabelas	
Tabela 1 – Fundos agrícolas por região de atuação e capital arrecadado, 2008 a 2014	79
Tabela 2 - Área plantada, quantidade produzida e crescimento percentual entre 2000 e 2012, soja, fronteira agrícola moderna (Mesorregiões IBGE)	106
Tabela 3 – Ranking de poder de controle de terra, fronteira agrícola moderna, Brasil, 2015	121
Tabela 4 – Empresas do agronegócio com capital aberto – BM&FBovespa, Brasil, 2016	132

Introdução

O início do século XXI marcou a chegada de uma nova safra de capitalistas na agricultura mundial. Trata-se da presença do capital financeiro, representado por diversos tipos de fundos (pensão, soberanos, *hedge*, *endowments*, *private equity*), corporações (bancos, seguradoras e empresas) e indivíduos de alta renda, sobretudo, nos países de maior produção agrícola e com dinâmicas de fronteira como o Brasil¹. Este fenômeno se insere em uma lógica mundial de investimento em terra e agricultura, decorrente da significativa elevação dos preços dos alimentos ao longo da década de 2000 e da crise financeira de 2007/2008, no que se convencionou denominar “*global land grabbing*” (GRAIN, 2008; BORRAS, et al., 2011ab; COTULA, 2012; MCMICHAEL, 2012).

De maneira geral, *land grabbing* tem sido identificado pelo uso intensivo de capital para o controle de terras e recursos como forma de acumulação e resposta à conjugação das crises financeira, energética, alimentar e ecológica do projeto de globalização neoliberal (BORRAS JR., et al., 2012; MCMICHAEL, 2012; COTULA, 2012). O monitoramento realizado desde 2000 pela organização The Land Matrix² revelou que até abril de 2016, mais de 40 milhões de hectares de terras com potencial de conversão agrícola haviam sido adquiridos, sobretudo, por investidores institucionais³ em todo o mundo.

Apesar de o montante ser considerável, os dados restringem-se aos acordos transnacionais, isto é, que envolvem necessariamente a compra de terras por estrangeiros, e muito provavelmente estão subestimados pela dificuldade em se ter acesso às informações sobre todas as transações realizadas. De qualquer forma, eles auxiliam na afirmativa de Gunnoe (2014) de que testemunhamos uma integração sem precedentes entre o capital financeiro e a propriedade da terra, ao menos na escala -

¹ Nesta tese, os representantes do capital financeiro internacional envolvidos no fenômeno de *land grabbing* são designados pelos termos: investidores institucionais, capital portador de juros, capital financeiro ou investidores financeiros.

² Para mais detalhes ver: <http://www.landmatrix.org/>.

³ Denominamos investidor institucional qualquer instituição financeira ou estatal que investe no mercado de capitais, como o Estado e outras instituições públicas, bancos, seguradoras, fundos de investimento, fundos de pensões, indivíduos de alta renda, etc. Pelo grande número de títulos que movimentam nos mercados financeiros, os investidores institucionais podem ser considerados como os mais importantes agentes do capitalismo contemporâneo.

pela abrangência mundial e quantidade de terras envolvidas - e na lógica recente de atuação, com a transformação da terra em um ativo do portfólio de investidores institucionais.

Dentre os países subdesenvolvidos, o território brasileiro concentrou a maior parte das operações em terra e agricultura. Segundo dados disponibilizados pela empresa de consultoria financeira EMPEA (2015), entre 2008 e 2014, os fundos agrícolas investiram um montante de US\$ 1,5 bilhão na agricultura brasileira, cerca de 80% do total do capital investido na América Latina. Isto se deve, entre outros fatores, à possibilidade de especulação fundiária, pela precificação das terras, especialmente, em áreas de fronteira agrícola moderna⁴.

A maior parte destes recursos foi direcionada para a produção de agrocombustíveis (cana-de-açúcar), florestas plantadas (madeira, papel e celulose), grãos e fibras (soja, milho e algodão) e para o mercado de terras. Enquanto os investimentos nas duas primeiras atividades concentraram-se principalmente nos tradicionais estados agrícolas das regiões Sul e Sudeste, os fundos dedicados à produção de grãos e ao mercado de terras foram alocados sobretudo nas áreas de expansão da agricultura moderna, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Mas, o que se entende pela noção de *land grabbing*? Como o fenômeno se relaciona com os processos contemporâneos de financeirização da economia mundial? Como essa dinâmica se expressa no território brasileiro, sobretudo, em áreas de expansão da fronteira agrícola moderna? Quem são os investidores institucionais por trás das operações financeiras e das empresas do agronegócio? Quais são suas estratégias de acumulação e uso do território? Quais as consequências territoriais dos investimentos em terra pelo capital financeiro? Estas são algumas das questões que esta tese procura responder.

De forma geral, analisa-se a transformação no uso agrícola do território brasileiro (SANTOS; SILVEIRA, 2001), mais especificamente, em áreas de expansão de

⁴ O território brasileiro possui uma área de 851 milhões de hectares, com aproximadamente 30% de sua área total dedicada à agropecuária (plantações e pastagens) (IBGE, 2015). Segundo dados de Rudorff et al. (2015), somente no Domínio Morfoclimático do Cerrado, existiriam cerca de 40 milhões de hectares agricultáveis ainda não utilizados. Com relação ao preço das terras em 2015, enquanto um hectare produtivo de soja no estado de Iowa (EUA) custava cerca de US\$ 20 mil, uma área de Cerrado ainda não convertida no estado do Piauí (área de expansão da fronteira agrícola) custava apenas US\$ 1,6 mil/ha (FNP, 2015).

fronteira agrícola moderna, decorrente das relações contraditórias e transescalares entre investidores financeiros, empresas nacionais, grandes produtores locais, camponeses e o Estado. Em diferentes termos, procura compreender como o processo de mundialização e financeirização também incorpora o agronegócio em suas estratégias de acumulação, com importantes repercussões territoriais.

Para tanto, partimos de um pressuposto de método que articula três noções centrais: a atual financeirização da economia mundial (regime de acumulação financeirizado); a emergência do fenômeno técnico informacional (técnica da informação) e o papel ativo do espaço geográfico (território usado).



Inicialmente, adotamos a proposta de Santos (2000) de que o atual período da globalização é caracterizado pelo “imperativo da informação e do dinheiro”. Neste último aspecto, concordamos com Chesnais (2005), para quem a atual mundialização financeira não pode ser compreendida sem a análise conjunta dos movimentos cíclicos de longa duração, decorrentes das contradições internas do modo de produção capitalista (ARRIGHI, 1996; HARVEY, 2004), com as proposições sobre a transição do modo de regulação fordista para a produção flexível (MICHALET, 1985; BOYER, 1986, AGLIETTA, 1998; CHESNAIS, 2005).

A combinação de ambas as propostas permite interpretar o atual “imperativo do dinheiro” como um movimento recorrente no capitalismo em que uma parte cada vez maior do capital-dinheiro procura se reproduzir por intermédio de mecanismos

especulativos, desde o mercado financeiro até a compra e venda de terras. Segundo Chesnais (2005), a hipertrofia e o aumento de poder do capital financeiro, evidenciados a partir da década 1970, levaram à constituição de um regime de acumulação financeirizado, caracterizado pela crescente subordinação de instituições estatais e corporações privadas à lógica financeira.

Com relação ao imperativo da informação, como propõe Santos (1996), cada período histórico e lugar podem ser reconhecidos pela existência e utilização de determinados conjuntos de sistemas técnicos. No atual período da globalização, a principal característica são as possibilidades oferecidas pelas técnicas da informação (SANTOS, 1994a; CASTILLO, 2001; LOJKINE, 2002; DANTAS, 2006) representadas, sobretudo, pela eletrônica, a cibernética, a biotecnologia e a articulação entre a informática e as telecomunicações (telemática).

As técnicas da informação permitem uma atuação multiescalar do capital interessado em investir em terras e agricultura: desde a escala do mundo, ao facilitar o fluxo financeiro internacional - indispensável às aquisições e fusões de companhias, à criação de *joint-ventures*, à compra de ações, à capitalização de empresas e ao repatriamento de lucros e dividendos -, o mapeamento mais preciso do estoque de terras agricultáveis e o controle remoto da produção, até a escala dos lugares, da produção direta, ao viabilizar formas mais eficazes de apropriação da renda da terra.

Outra importante perspectiva teórica desta tese é a ideia de território usado. Como propõe Santos e Silveira (2001), ele pode ser interpretado como o espaço concreto de existência e disputa de todas as empresas, instituições, indivíduos e organizações civis. A partir desta noção, os autores pretendem analisar como os fenômenos tornam-se existência nos lugares, isto é, como se materializam de fato, sem desconsiderar as fricções e dificuldades a que estão sujeitos, a despeito do poder dos agentes hegemônicos. No caso específico do fenômeno de *land grabbing*, o objetivo é entender como a criação de novas formas (capital fixo) e normas (políticas, culturais, jurídicas e econômicas), com o intuito de apropriação de terras e recursos, altera o dinamismo de determinado lugar ou região, ao mesmo tempo que estão sujeitos a diferentes formas de resistência e precisam se adaptar às heranças materiais (condições edafoclimáticas, solo, relevo, infraestruturas, etc.), políticas, jurídicas, econômicas e culturais.

Conclusão

A expansão da fronteira agrícola brasileira se reveste de novos significados e contradições na contemporaneidade. Ao lado dos tradicionais agentes responsáveis pela sua dilatação, como grandes produtores, latifundiários, *tradings companies* e o Estado, acrescenta-se agora a presença do capital portador de juros, por intermédio do controle de empresas agrícolas. Como afirma Milton Santos (2000), ao discutir a emergência da “agricultura científica globalizada”, a nova forma de produzir no campo tem uma referência planetária, ou seja, é governada pelas mesmas leis que regem os demais aspectos da produção econômica em escala mundial.

Com o crescente interesse do capital financeiro por terras e atividades agropecuárias, essa relação se aprofunda ainda mais. Além dos aspectos financeiros, que tradicionalmente impactam a produção agrícola moderna - como a oferta de crédito, as variações do câmbio e as alterações de preços no mercado futuro -, soma-se agora, a busca de elevada rentabilidade para atender às expectativas dos investidores financeiros.

Dessa forma, o capital portador de juros deve ser situado dentro da lógica de reprodução capitalista, como sugere Harvey (2006), e não como mero parasitário do capitalismo produtivo. Essa interpretação oferece um interessante caminho de método para a análise da lógica e das contradições na relação entre os investidores institucionais, a terra e agricultura no atual fenômeno de *land grabbing*. Assim, a terra é interpretada como um ativo financeiro, isto é, como capital fictício que rende juros. Como consequência, é o dinheiro em “estado puro” (SANTOS, 2000), no seu aspecto financeirizado, que organiza as ações das grandes corporações agrícolas controladas por fundos financeiros.

A insaciabilidade e a racionalidade financeira na agricultura acarretam em importantes repercussões territoriais. A constante busca pelo aumento da produtividade e da escala produtiva pelas empresas financeirizadas, ao mesmo tempo em que procuram se enraizar o mínimo possível nos lugares, promove, entre outras consequências: o aprofundamento da especialização territorial produtiva, a concentração fundiária, a hiperexploração dos recursos (água, vegetação, solos, etc.), a redução relativa do número de trabalhadores rurais (aumento da composição orgânica do capital), a expropriação de outras formas de produção e intensificação das contradições.

Dessa forma, esta tese procurou responder a algumas questões. Desde a conceitualização do termo *land grabbing*, até suas consequências e contradições territoriais em áreas de fronteira agrícola moderna, sem desconsiderar, a identificação dos investidores

institucionais por trás das empresas do agronegócio e suas principais estratégias de acumulação pela terra.

Sobre a noção de *land grabbing*, como enfatizam Sauer e Borras (2016, p.10), apesar do fenômeno não ser novo, possui algumas novidades. Dentre elas, ressalta-se, sobretudo, o interesse do capital financeiro pelo controle de terras e recursos. Geralmente avessos a ativos de pouca liquidez, investidores institucionais aumentaram suas operações no mercado fundiário no início do século XXI devido à expectativa de alta rentabilidade e aos baixos riscos relativos. Esta corrida mundial por terras se deve em grande parte à difusão de uma psicosfera (narrativa) de insegurança alimentar (elevação dos preços dos alimentos), energética (esgotamento dos combustíveis fósseis), climática (aquecimento global) e ambiental (desmatamentos, extinção de espécies, etc.). Apesar de muitos desses fatos constituírem riscos reais, é o discurso, mais do que tudo, que fomenta a especulação financeira em torno de ativos atrelados à natureza.

Apesar da ênfase colocada à estrangeirização de terras nos primeiros trabalhos sobre a temática (FAO, 2011), o fenômeno vai muito além desta questão. Interpretar *land grabbing* a partir da ideia de estrangeirização mais confunde e reduz sua complexidade, do que auxilia no seu esclarecimento. Além de abrir a possibilidade de discursos xenófobos e de tirar o foco dos reais problemas agrários (OLIVEIRA, 2010;2011), é cada vez mais difícil prever a nacionalidade dos investidores. O capital, sobretudo, no seu aspecto fictício, é cada vez mais flexível e misto, se deslocando ininterruptamente pelas redes informacionais e composto por fundos de nacionalidades múltiplas.

Outra tendência no Brasil, como apontam Sauer e Borras Jr.(2016), foi defini-lo como grilagem de terras. Mais uma vez, a noção perde seu poder explicativo, ao ser resumida a práticas ilegais de apropriação de terras públicas devolutas. Apesar da grilagem de terras públicas ser recorrente, principalmente, em áreas de expansão da fronteira agrícola, a apropriação do controle da terra por fundos financeiros também se reveste de outras formas, como: arrendamentos, cessão de direitos de superfície, aquisição de terras privadas, parcerias, etc.

Como forma de escapar a interpretações reducionistas do termo, e com o intuito de enfatizar a atuação do capital financeiro e de Estados soberanos no mercado fundiário mundial, o termo *land grabbing* pode ser definido pelo uso intensivo de capital para a apropriação do controle (*control grabbing*) de terras e recursos como forma de acumulação e resposta às atuais crises (financeira, energética, alimentar, ecológica) do projeto de globalização neoliberal (BORRAS JR et al, 2011ab; MCMICHAEL, 2012; COTULA, 2012; SAUER; BORRAS JR., 2016). Esta interpretação oferece uma importante ferramenta de análise, ao

colocar o foco não só na “apropriação” do controle de terras - independente de sua forma (grilagem, arrendamentos, compra, *leasing*, parcerias, etc.) -, mas, também de recursos, como água, florestas, minérios, etc. Além disso, relaciona o fenômeno com importantes características do atual período da globalização, principalmente com a financeirização da economia e da vida social.

No caso da fronteira agrícola brasileira, os agentes mais visíveis responsáveis pela prática de *land grabbing* são as empresas agrícolas, cujos nomes estão estampados em placas nas estradas e entradas das fazendas. Porém, mais difícil é precisar os seus verdadeiros controladores, isto é, o capital financeiro por trás das empresas. Com este objetivo, reunimos 19 empresas controladas pelo capital financeiro, com atuação em áreas de fronteira agrícola moderna e dedicadas à produção de grãos e/ou à especulação fundiária.

Este grupo seletivo de empresas controlava em 2015, mais de dois milhões de hectares de terras. Dentre os investidores financeiros destacam-se, desde nomes famosos do mundo das finanças como George Soros, Eduardo Elzain, Ian Watson, Jim Slater, até fundos de pensão (TIAA, Swedish Pension Fund), fundos soberanos (Qatar Investment Authority), empresas de *private equity* (Altimax Partners, The Capital Group, Crestline Capital, Vision Brazil, Vinci Partners), fundos *hedge funds* (Touradji Management Capital), instituições bancárias (JP Morgan Whitefries Inc., Credit Suisse e Deutsche Bank), seguradoras (AIG, Caisse de dépôt et placement du Québec), fundações (Harvard Endowment), assim como *tradings companies* e empresas em geral (Louis Dreyfus, Cargill, Cantagalo General Grains, Mitsubishi, Mitsui, etc.).

Ao estabelecer o ranking de poder de controle da terra pelo capital financeiro em áreas de fronteira agrícola, aparecem em ordem de grandeza investidores como: a empresa de *private equity* brasileira Vision Brazil, controladora da Tiba Agro, com mais de 350 mil hectares; o fundo familiar SLC Participações, controlador da SLC Agrícola, com montante equivalente de terras; a empresa canadense gestora de ativos Brookfield, com mais de 200 mil hectares; a empresa imobiliária argentina Cresud, controladora da BrasilAgro, com cerca de 180 mil hectares; a empresa brasileira Coteminas, controladora da Cantagalo General Grains, com 151 mil hectares; o fundo de pensão estadunidense TIAA, controlador da Radar Propriedades Agrícolas, com 130 mil hectares; a japonesa Mitsui, controladora da Agrícola Xingu, com 120 mil hectares; a empresa de *private equity* inglesa Altimax Partners, controladora da El Tejar, com 110 mil hectares, e a gestora de ativos da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, controladora da Insoilo, com cerca de 100 mil hectares. Em seguida, aparecem vários outros controladores com menos de 100 mil hectares: Mitsubishi (Agrex), Ridgefield Capital (Agrinvest), BRZ Investimentos (Agrifirma), Louis Dreyfus Commodities (Calix Agro), Gávea Investimentos (Vanguarda Agro), Touradji Capital (Sollus Capital), entre outros.

Apesar de possuírem muitos traços em comum, como a hegemonia da racionalidade financeira nas suas estratégias de atuação e o controle de grandes extensões de terras, esses agentes apresentam particularidades nas formas de apropriação e uso da terra. Existem empresas cujas estratégias vinculam a apropriação de lucros e sobrelucros provenientes da produção propriamente dita (Vanguarda, Cantagalo, SLC-MIT, Mitsui, Agrex, Agrifirma, El Tejar, etc.), aquelas especializadas no mercado de terras (Radar, Brasilagro, Calix, Sollus), assim como casos híbridos (SLC Agrícola, Adecoagro, Brookfield, Tiba Agro). No que diz respeito às formas de atuação, existem basicamente as que adquirem e produzem nas próprias terras (SLC, Vanguarda, Adecoagro, Brookfield, TibaAgro, etc.), as que compram e arrendam terras, com a terceirização das atividades produtivas (Brasilagro, Radar, Calix, Sollus, Agrex, etc.), e as que não compram terras e apenas atuam na produção (Agrifirma).

Outro traço comum entre as empresas mencionadas é o uso de sistemas técnicos informacionais para a captura de diferentes tipos de renda da terra. A apropriação em larga escala de terras frequentemente envolve investimentos consideráveis em infraestruturas e sistemas informacionais que permitem o acompanhamento e o controle remoto das atividades das fazendas, com o intuito de alinhar as propriedades à temporalidade e à lógica de acumulação do mercado financeiro. As técnicas da informação estão presentes desde a escolha dos melhores terrenos, com a utilização de imagens de satélite, até o uso de maquinários e insumos químicos e biológicos para o aumento da produtividade agrícola.

Contudo, para acessar o mercado de terras regional, os investidores financeiros necessitam estabelecer uma relação transescalar de poder, que envolve desde empresas mundiais e organismos supranacionais, até grileiros, políticos, agricultores, latifundiários e tabeliões locais, sem desconsiderar o papel imprescindível do Estado (na normatização das terras e na construção de infraestruturas).

Ao dar vazão ao capital sobreacumulado - muitas vezes alocado em paraísos fiscais e de origem duvidosa -, os grandes investidores aquecem, via especulação, o mercado de terras regional. Atraídos pela grande demanda por terras, grileiros locais e extra-regionais, se apropriam ilegalmente de áreas públicas devolutas, que em seguida são revendidas às empresas agrícolas. Embora os investidores financeiros não sejam, na maioria das vezes, os responsáveis diretos pela grilagem das terras, a estimulam indiretamente, ao fomentar o mercado fundiário.

Além de lesar o Estado, ao se apropriar de terras públicas, a grilagem promove uma série de danos ambientais e conflitos territoriais, como o desmatamento indiscriminado das áreas de Cerrado e a expropriação de comunidades camponesas. Apesar de ser uma prática

antiga na região, a grilagem se intensificou com o recente interesse do capital financeiro pelas terras.

A chegada das empresas financeirizadas e a consequente intensificação da apropriação ilegal de terras públicas resultou na constituição de novas horizontalidades, isto é, alteraram o conteúdo geográfico do cotidiano regional. Enquanto as áreas de Chapada, tradicionalmente utilizadas de forma comunal pela população local, são desmatadas e cercadas para dar lugar à produção intensiva de grãos, os Baixões, onde estão presentes a maioria das comunidades camponesas, despertam o interesse de grileiros e investidores para a criação de áreas de reserva legal. Assim, as comunidades locais sofrem uma dupla expropriação - são impedidas de usar as áreas de planalto para o extrativismo e a criação de animais e sofrem continuamente ameaças de expropriação de suas terras nos fundos de vale, onde habitam e cultivam plantações de subsistência.

Durante trabalho de campo em 2017, foi possível verificar como muitas comunidades ainda resistem e se reproduzem no Sul do Piauí, devido em parte à atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Os agentes da CPT são os principais responsáveis pelo apoio moral e jurídico das comunidades. Por meio de visitas e reuniões, eles organizam e instrumentalizam as comunidades sobre seus direitos, assim como levam suas reivindicações à justiça. Com a ajuda da entidade, algumas comunidades conseguiram o título definitivo de posse da terra (Comunidade Melancias e Assentamento Rio Preto). Porém, os problemas não acabaram, além de continuarem vítimas de assédio por grileiros, as comunidades sofrem com os impactos ambientais provocados pela produção intensiva de grãos, como a contaminação pela pulverização aérea de agrotóxicos, assoreamento e diminuição da vazão dos rios e a disseminação de novas pragas.

Os lugares são assim dialeticamente produzidos. O confronto de lógicas tão distintas de uso do território resulta numa série de contradições. Uma das principais, é a oposição entre uma “ordem global”, na qual se inserem as empresas agrícolas financeirizadas, e uma “ordem local”, representada pelas comunidades camponesas. Neste par dialético proposto por Santos (1996), enquanto a primeira caracteriza-se pela imposição de uma racionalidade dominante e do discurso hegemônico, a ordem local funda a escala do cotidiano compartilhado, da cooperação e da resistência. De um lado, os investidores e empresas agrícolas são indutores de entropia (desordem), ao criar uma topologia de pontos de interesses exclusivistas e de parco ou nenhum relacionamento com o entorno, de outro lado, é a interação e a socialização criadas pelas comunidades que conferem significado e ordem às práticas cotidianas.

Mesmo que subordinados a uma lógica externa ditada pelo tempo da rentabilidade financeira, os camponeses resistem e se reproduzem, ainda que utilizados como trabalhadores

temporários no desmonte do Cerrado e na coleta de raízes ou incorporados como trabalhadores nas grandes fazendas. Assim, a resistência que marca tão fortemente a vida nos Cerrados faz lembrar que cada dia é uma oportunidade de despertar para um novo tempo, uma nova possibilidade de criar pactos conciliadores, capazes de propor outros usos e constituir novos territórios.

Bibliografia

- AB'SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil**. Potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003;
- AGLIETTA, M. **Le capitalisme de demain**. Paris: Fondation Saint-Simon, 1998;
- AGLIETTA, M.; REBÉRIOUX, A. **Dérives du capitalisme financier**. Paris: Albin Michel, 2004;
- AGÜERO, R. O; RIVAROLA, A. E.; MALDONADO, R. A. Caracterización del contratismo de servicios en un sector de la pampa cordobesa: las localidades de Alcira Gigena y Berrotarán. Presentación de resultados preliminares de investigación". **Mundo agrario**, La Plata, n. 14 , vol.7, Jan.-Jun. 2007;
- ALVES, V. E. A formação das condições para a instalação do agronegócio nos cerrados piauienses e as mudanças nas formas de uso da terra dos Gerais. In: **Rede Social de Justiça e Direitos Humanos: A empresa Radar S/A e a especulação com terras no Brasil**, 2015. Disponível in: <www.social.org.br> acesso em 10 de dez. 2015
- ALBANESI, R.; GONZÁLEZ, M.; DE NICOLA, M.; CLOQUELL, S.; PREDÁ, G.; PROPERSI, P. "Las unidades familiares del Área agrícola de Santa Fe en la década del noventa". **Revista Interdisciplinaria de Estudios Agrarios**, Buenos Aires, n. 19. 2007;
- ARAGHI, F. The invisible hand and the visible foot: peasants, dispossession and globalisation. In: A.H. Akram-Lodhi and C. Kay, eds. **Peasants and globalisation**. Political economy, rural transformation and the agrarian question. London & New York: Routledge, 2008. p. 111–147;
- ARRIGHI, G. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996;
- ARRIGHI, G. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008;
- BAGHDJIAN, A. **ChemChina Extends \$43 Billion Syngenta Offer to July**. 19 de maio de 2016, Bloomberg. 2016. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2016-05-17/chemchina-extends-43-billion-syngenta-takeover-offer-to-july>>. Acesso em 25 de jun. 2016.
- BECKER, B. K.; EGLER, C. A. G. **Brasil**: uma nova potência regional na economia mundo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 1994.
- BENATTI, J. H. A lei de regularização fundiária e o debate sobre justiça social e proteção ambiental na Amazônia. **Hiléia** – Revista do Direito Ambiental da Amazônia, no. 11, Jul.-Dez. de 2008, e no.12, Jan-Jun de 2009, p. 15-30.
- BERNARDES, J. A. As Estratégias do Capital No Complexo da Soja. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 1996. p. 325- 366.

- BERNARDES, J. A. Circuitos espaciais da produção na fronteira agrícola moderna: BR-163 mato-grossense. In: BERNARDES, J. A.; FREIRE FILHO, O. L. (orgs.) **Geografias da soja: BR-163 fronteiras em mutação**. Rio de Janeiro: Edições Arquimedes. 2006;
- BORRAS JR., S.M., P. MCMICHAEL; I. SCOONES. The politics of biofuels, land and agrarian change: editors' introduction. **Journal of Peasant Studies**, 37(4), 2010 p. 575–592;
- BORRAS JR., S.M., FRANCO, J., KAY, C., SPOOR, M. "Land grabbing in Latin America and the Caribbean viewed from broader international perspectives", in: **Latin America and Caribbean seminar: 'Dinámicas en el mercado de la tierra en América Latina y el Caribe'**. Santiago: FAO, 2011a p.02-54;
- BORRAS JR., S.M.; HALL, R.; SCOONES, I.; WHITE, B.; WOLFORD, W. Towards a better understanding of global land grabbing: an editorial introduction. **Journal Peasant Studies**. 38 (2), 209–216. 2011b. <<http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2011.559005>>;
- BORRAS JR., S.M; FIG, D.; MONSALVE, S. The Politics of Biofuels and Land-Water Grabbing: The Procana Case in Mozambique. **Review of African Political Economy**, vol.38, no. 128, 2011. pp. 215-34;
- BORRAS JR., S.M.; KAY, C.; GÓMEZ, S.; WILKINSON, J. Land Grabbing and Global Capitalist Accumulation: Key Features in Latin America. **Canadian Journal of Development Studies** 33 (4): 2012, p.402–416;
- BORRAS JR., S.M.; FRANCO, J.; PLOEG, J. D. V. der. Introduction: land concentration, land grabbing and people's struggle in Europe. In: FRANCO, J.; BORRAS, Saturnino Jr. (org.). **Land concentration, land grabbing and people's struggle in Europe**. Amsterdam: Transnational Institute (TNI) e Via Campesina, jun. de 2013, p. 06-30;
- BOURGUINAT, H. **La tyrannie des marches: essai sur l'économie virtuelle**. Paris: Economica, 1995;
- BOYER, R. **La théorie de la régulation**. Une analyse critique. Paris: La Découverte. 1986;
- BRANDÃO, C.A. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo. In: ALMEIDA, A.W.B. (et al.). **Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p. 39-70;
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII - o tempo do mundo**. São Paulo: Martins Fontes. v.3. 1996;
- BÜHLER, E.A.; OLIVEIRA, V. L. La localisation des entreprises agricoles dans l'ouest de l'État de Bahia. **Etudes Rurales**, n. 191, 2013, p. 91-114.
- BURCH, D.; LAWRENCE, G. Financialization in agri-food supply chains: private equity and the transformation of the retail sector. **Agriculture Humain Values** n. 30 (v.2), 2013 p.247–258;
- CAIXETA-FILHO, J.V.; GAMEIRO, A.H. **Transporte logístico em sistemas agroindustriais**. São Paulo: Editora Atlas, 2001;
- CANO, W. Celso Furtado e a questão regional no Brasil. In: TAVARES, M.C. (Org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000. p. 93-120;

- CARNEIRO, R. Impasses do desenvolvimento brasileiro: a questão produtiva. **Texto para discussão**, Campinas: Instituto de Economia/Unicamp, n.153, nov. 2008;
- CASTILLO, R. **Sistemas orbitais e uso do território. Conhecimento digital e integração eletrônica do território brasileiro**. 1999 Tese (Doutorado em Geografia Humana. FFLCH/Universidade de São Paulo, 1999;
- CASTILLO, R. A. Tecnologias da informação e os novos fundamentos do espaço geográfico. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDO, P.; COSTA, H. (Org.). **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001;
- CASTILLO, R. A. A imagem de satélite: do técnico ao político na construção do conhecimento geográfico. **Pró-Posições** (UNICAMP. Online), v. 20, 2009 p. 61-70;
- CASTILLO, R. A.; FREDERICO, S. Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 09, 2010 p. 17-26;
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã. 1996;
- CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, F. (Org.) **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. p. 35-67;
- CLAPP, J. **Food**. Malden: Polity Press. 2012;
- CLAPP, J. Financialization, distance, and global food politics. **The Journal of Peasant Studies** n. 41(6), 2014. p. 797–814;
- CLAPP, J.; ISAKSON, S.R.; VISSER, O. The complex dynamics of agriculture as a financial asset: introduction to symposium. **Agriculture Humain Values**. 2016. DOI 10.1007/s10460-016-9682-7;
- CLEPS JR., J. **Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro**. 1998 Tese (Doutorado em Geografia). IGCE/UNESP Rio Claro, 1998;
- COTULA, L. The international political economy of the global land rush: A critical appraisal of trends, scale, geography and drivers, **The Journal of Peasant Studies**, n. 39 (3-4), 2012. p.649-680;
- DANIEL, S.; Situating private equity capital in the land grab debate. **Journal of Peasant Studies**. n. 39 (3-4), 2012. 703–729 pp. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2012.674941>.
- DANTAS, M. Informação como trabalho e como valor. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, 2006 p. 44-72;
- DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University Press. 1957.
- DE NEGRI, F. Conteúdo tecnológico do comércio exterior brasileiro: o papel das empresas estrangeiras. Brasília: **Texto para Discussão**, n. 1074 mar. de 2005.
- DEININGER, K.; BYERLEE, D.; LINDSAY, J.; NORTON, A.; SELOD, H.; STICKLER, M.; **Rising global interest in farmland: can it yield sustainable and equitable benefits?**, Washington: The World Bank. 2011;

- DEININGER, K. Challenges posed by the new wave of farmland investment. **J. Peasant Studies**. N. 38 (2), 2011. p. 217–247 pp. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2011.559007>;
- DELFIN NETTO, A. **O problema do café no Brasil**. São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Universidade de São Paulo, 1981;
- DELGADO, G.C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: Mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2012;
- DELGADO, G. C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil 1965-1985**. São Paulo: Ícone Editora, 1985;
- DI PIETRO, M. S. Z. **Direito Administrativo**. São Paulo: Atlas. 23 ed. 2009;
- DUCASTEL, A., ANSEEUW, W., Agriculture as an asset class: reshaping the South African farming sector. **Paper Presented at the International Conference “Finance, Food and Farmland”**, Haia: Institute for Social Studies, 2014;
- ELIAS, D. Agronegócio e Novas Regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, v. 13, 2011. p. 153-170;
- EPSTEIN, G.A., Introduction: the financialization of the world economy. In: _____ (Org.), **Financialization and the World Economy**. Elgar: Cheltenham, 2005. p. 01–16;
- FAIRBAIRN, M. Like gold with yield: evolving intersections between farmland and finance. **J. Peasant Studies**. N. 41 (5), 2014. p. 777–795;
- FERNÁNDEZ, D. Concentración económica en la región pampeana: El caso de los fideicomisos financieros **Mundo agrario** [online], n.21 v.11, 2010;
- FIX, M. **Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- FREDERICO, S. **O Novo Tempo do Cerrado: Expansão dos Fronts Agrícolas e Controle do Sistema de Armazenamento de Grãos**. São Paulo: AnnaBlume, 2010;
- FREDERICO, S. **Território, capital financeiro e agricultura**. Paris: FAPESP, 2015 (Relatório de Pesquisa);
- FREDERICO, S.; BUHLER, E.A., Capital financeiro e expansão da fronteira agrícola no oeste da Bahia. In: ALVES, V.E.L., **Modernização e Regionalização nos Cerrados no Centro-Norte do Brasil**, Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.199-226;
- FREDERICO, S.; GRAS, C. Globalização financeira e land grabbing: constituição e translatinização das megaempresas argentinas. In: BERANARDES, J.A. et al. **Globalização do agronegócio e land grabbing**. A atuação das megaempresas argentinas no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Lamparina. 2017, p. 12-32;
- FRIEDMANN, H. International regimes of food and agriculture since 1870. In: SHANIN, T. (org.). **Peasants and peasant societies**. Oxford: Basil Blackwell, 1987. p. 258–276.
- FRIEDMANN, H.; MCMICHAEL, P. Agriculture and the state system: the rise and fall of national agricultures, 1870 to the present. **Sociologia Ruralis**, n.29(2), 1989. p. 93–117;

- FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité**. 1. La volonté de savoir. Paris: Galimard, 1976;
- GRAIN. SEIZED! **The 2008 Land Grab for Food and Financial Security**, 2008. Disponível em: <<http://www.grain.org/article/entries/93-seized-the-2008-landgrab-for-food-and-financial-security>>. Acesso em 15 fev. 2012;
- GRAIN. **Pension funds: key players in the global farmland grab**. 2011. Disponível em: <<http://www.grain.org/article/entries/4287-pension-funds-key-players-in-the-global-farmland-grab>> Acesso em 8 jul. 2013;
- GRAS, C; HERNÁNDEZ, V., Agribusiness and large-scale farming: capitalist globalisation in Argentine agriculture, **Canadian Journal of Development Studies**, N. 3 v.35, 2014. p. 339–357;
- GRAS, C; NASCIMENTO, R. C. Monopólio de terras e capital financeiro: a atuação da empresa Cresud na América Latina. In: BERNARDES, J. A.; FREDERICO, S.; GRAS, C.; MALDONADO, G.; HERNANDEZ, V. (Org.). **Globalização do agronegócio e land grabbing**: a atuação das megaempresas argentinas no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017, p. 118-134;
- GRAS, C.; VARROTTI, A. S. El modelo de agronegocios de las principales megaempresas agropecuarias. In: GRAS, C.; HERNÁNDEZ, V. (Org.) **El agro como negocio**: Producción, sociedad y territorios en la globalización, Buenos Aires: Biblos, 2013.
- GUIBERT, M. Re-territorialización del sector agropecuario de la Cuenca del Plata: apuntes de base sobre las reconfiguraciones productivas actuales, Agricultura, Desenvolvimento e Transformações sócio-espaciais, **Actas del III Encontro Dos Grupos de Pesquisa**, Porto Alegre: UFRGS, 2007 ;
- GUIBERT, M. Les ressorts de la puissance alimentaire de l'Amérique latine. **DÉMÉTER** n.13, 2012. p.127-133;
- GUNNOE, A. The political economy of institutional landownership: Neorentier society and the financialization of land. **Rural Sociology**, v. 79, n. 4, 2014. p. 478-504. <http://dx.doi.org/10.1111/ruso.12045>;
- GUTTMANN, R. Uma introdução ao capitalismo dirigido pelas finanças. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 82, p. 11-33, 2008 ;
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: Eduff, 1997;
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004;
- HARVEY, D. **The Limits to capital**. London; New York: Verso. 2006;
- HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008;

- HARVEY, D. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011;
- HERNÁNDEZ, V., El fenómeno económico y cultural del boom de la soja y el empresariado innovador, in: **Desarrollo económico**, n.187 v.47. out.-dez. 2007. p. 331-365;
- HOBBSAWN, E. **Era dos Extremos**: O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994;
- IORIS, A.A.R. rent of agribusiness in the Amazon: A case study from Mato Grosso. **Land Use Policy** n.59, 2016. p.456–466
<http://dx.doi.org/10.1016/j.landusepol.2016.09.019>;
- ISAKSON, S.R. Food and finance: the financial transformation of agro-food supply chains. **J. Peasant Stud.** n.41 (5), 2014. p.449–475. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2013.874340>;
- KNUTH, S.E. Global finance and the land grab: mapping twenty-first century strategies, **Canadian Journal of Development Studies / Revue canadienne d'études du développement**, n.36:2, 2015. p. 163-178. DOI: 10.1080/02255189.2015.1046373;
- KUGELMAN, M.; LEVENSTEIN, S.L. (Org.) **The global farms race**: lands grabs, agricultural investment, and the scramble for food security. Washington: Island Press. 2013;
- LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34. 1994;
- LI, T. M. What is land? Assembling a resource for global investment. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 39, n. 4, 2014. p. 589-602; <http://dx.doi.org/10.1111/tran.12065>;
- LI, T.M. Transnational farmland investment: A risky business. **Journal of Agrarian Change** n.15(4), 2015. p.560–568;
- LLOVET, I. Contratismo y agricultura. In: BARSKY, O. (org.), **El desarrollo agropecuario pampeano**, Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano. 1991;
- LOJKINE, J. A Revolução Informacional. São Paulo: Cortez, 2002.
- MACHADO, L. O. A fronteira agrícola na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 54, n.2, 1994. p. 27-55;
- MAGDOFF, F. Twenty-First-Century Land Grabs. Accumulation by Agricultural Dispossession. **Monthly Review**, V. 65, (6), nov. 2013. Disponível em: <<http://monthlyreview.org/2013/11/01/twenty-first-century-land-grabs/>>. Acesso em: 07 de jul. 2016;
- MARTIN, S.; CLAPP, J. Finance for agriculture or agriculture for finance? **Journal of Agrarian Change**, n.15(4), 2015. p.549-559;
- MARTINS, J. de S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Editora Contexto, 2009;

- MARX, K. **O Capital**, Livro III – Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural (Coleção "Os Economistas"). 1986;
- MARX, K. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Vol. I. Livro Primeiro. O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Editora Nova Cultura. (Coleção "Os Economistas"). 1996;
- MARX, K. **O 18 de Brumário de Luíz Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MASSÉ, J. **Informe sobre el estado de la clase obrera**, Tomo I. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.
- MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial**: do complexo à organização "em rede". São Paulo: Editora UNESP, 2000;
- MCMICHAEL, P. A food regime geneology. **The Journal of Peasant Studies**, n. 36 (1), 2010. p.139-169;
- MCMICHAEL, P. 2010. Agrofuels in the food regime. **The Journal of Peasant Studies**, n. 37 (4), 2009. p. 609-629;
- MCMICHAEL, P. The land grab and corporate food regime restructuring. **The Journal of Peasant Stud.** n. 39 (3/4), 2012. p.681–701. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2012.661369>;
- MEDEIROS, J. Recepção calorosa marca chegada da comitiva chinesa a Mato Grosso. Governo do estado do Mato Grosso, 09 de junho de 2015. 2015. Disponíveis em: <http://www3.mt.gov.br/imprime.php?cid=144317&sid=168>. Acesso em 24 de fev. de 2016;
- MEHTA, L, VELDWISCH, G. J.; FRANCO, J. Introduction to the Special Issue: Water grabbing? Focus on the (re)appropriation of finite water resources. **Water Alternatives**. n.2 v.5, 2012. p.193-207;
- MICHALET, C.-A. **Le capitalisme mondial**. Paris: PUF "Économie en liberté", 1985.
- MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000;
- MORGAN, D. **Les Géants du Grain**. Paris: Fayard, 1979;
- MORIN, F. Aux origines de la crise financière mondialisée. IN: ANDREFF, W. (org.). **La mondialisation, stade suprême du capitalisme?** En hommage à Charles-Albert Michalet. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2013. p. 67-86;
- MURMIS, Miguel. Agro argentino: algunos problemas para su análisis. GIARRACA, N. y CLOQUEL, S. **Las agriculturas del Mercosur**. El papel de los actores sociales, 1998. p. 205-248;
- MURMIS, M.; MURMIS, M. R. Dinamica del mercado de la tierra en America Latina y el Caribe: El caso de Argentina. Santiago: **FAO**. 2011.
- MURMIS, M.; MURMIS, M.R. Land Concentration and Foreign Land Ownership in Argentina in the Context of Global Land Grabbing. **Canadian Journal of Development Studies** n. 33 (4): 2012. p. 490–508;

- MURPHY, S.; BURCH, D.; CLAPP, J.. **Cereal secrets: the world's largest grain traders and global agriculture**. 2012. Disponível em: <<http://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/rr-cereal-secrets-grain-traders-agriculture-30082012-en.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015;
- OLIVEIRA, A.U. de. A questão da aquisição de terras por estrangeiros no Brasil – um retorno aos dossiês. **Revista Agrária**, São Paulo, n. 12, 2010. p. 03-113;
- OLIVEIRA, A.U. de. Tragédia e farsa, a compra de terras por estrangeiros. **Le Monde Diplomatique**, 02 de set. de 2011.
- OLIVEIRA, G. South-South Cooperation? Evaluating Chinese agribusiness investments in Brazil from 2003 to 2016. **Anais do 5º Congresso Internacional BRICS – Critical Agrarian Studies**, Moscou, 2017;
- OUMA, S. Situating global finance in the Land Rush Debate: A critical review. **Geoforum** n. 57, 2014. p.162–166. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2014.09.0060016-7185/>;
- OUMA, S. From Financialization to Operations: Historicizing and Disentangling the Finance-Farmland-Nexus: In: **Geoforum**, n.72, 2016. p. 82-93. doi:10.1016/j.geoforum.2016.02.003;
- PAULANI, L. **Acumulação e Rentismo**: resgatando a teoria da renda de Marx para pensar o capitalismo contemporâneo, Rio de Janeiro: ANPEC, 2012;
- PECK, J; TICKEL, A. Neoliberalizing space. In: BRENNER, N.; THEODORE, N. **Spaces of Neoliberalism**: urban restructuring in North America an West Europe. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2002. p. 33-57;
- PELUSO, N.L.; LUND C. New frontiers of land control: introduction. **Journal of Peasant Studies**, n.38(4), 2011. p. 667–681;
- PESSÔA, V. L. S. A ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba, MG. 1998, Tese (Doutorado em Geografia) IGCE/UNESP: Rio Claro, 1988;
- PIRES DO RIO, G. Escalas de política energética: o programa nacional de biodiesel. In: BERNARDES, J.A.; ARACRI, L.A. **Novas fronteiras do biodiesel na Amazônia**: limites e desafios da incorporação da pequena produção agrícola, Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2011. p. 27-46;
- PITTA, F.T.; BOECHAT, C. A.; MENDONÇA, MARIA LUISA. A produção do espaço na região do MATOPIBA: violência, transnacionais imobiliárias agrícolas e capital fictício. **ESTUDOS INTERNACIONAIS**, v. 5, 2017. p. 155-179;
- PLIHON, D. As grandes empresas fragilizadas pelas finanças. In: CHESNAIS, F. (Org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005;
- PLIHON, D. La globalisation financière. In: BÉNASSY-QUÉRÉ, A.; CHAVAGNEUX, C.; LAURENT, É; PLIHON, D.; RAINELLI, M.; WARNIER, J-P. **Les enjeux de la mondialisation**. Les grandes questions économiques et sociales. Paris: La Découvert, 2013. p. 23-40;

- POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993;
- RUDORFF, B. et al. **Análise geoespacial da dinâmica das culturas anuais no bioma Cerrado: 2000 – 2014**. (Relatório Síntese). Florianópolis: Agrosatélite Geotecnologia 2015;
- SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil**. Entre a troca mercantil e a reciprocidade. Rio de Janeiro: Editora Garamond. 2009;
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, 1988. p. 46-71;
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como categoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54. 1977. p. 81-100;
- SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (orgs.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986;
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994a;
- SANTOS, M. A. O retorno do território. In: Milton Santos; Maria Adélia A. de Souza; Maria Laura Silveira. (Org.). **Território**: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994b, p. 15-20;
- SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. SP: Hucitec /Educ. 1994c;
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996;
- SANTOS, M. **Guerra dos lugares**. Folha de S.Paulo. Caderno Mais! 8 de agosto de 1999;
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000;
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001;
- SASSEN, Saskia. Land grabs today: feeding the disassembling of national territory. **Globalizations**, n. 1, v. 10, 2013. p. 25-46;
- SAUER, S.; BORRAS JR, S. Land Grabbing e green grabbing: uma leitura da corrida na produção acadêmica sobre a apropriação global de terras. **Campo-Território**: revista de geografia agrária. Edição Especial, jun. 2016. p. 6-42;
- SAUER, S.; LEITE, S. P. Agrarian structure, foreign land ownership, and land value in Brazil. In: **International Conference on Global Land Grabbing**. England: Land Deals Politics Initiative (LDPI), 2011. p. 6-8;
- SAVIAT, K. Os fundos de pensão e os fundos mútuos: principais atores da finança mundializada e do novo poder acionário. In: CHESNAIS, F. (Org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. p. 109-132;

- SCOONES, I.; HALL, R.; BORRAS, S. M. J.; WHITE, B.; WOLFORD, W. The politics of evidence: methodologies for understanding the global land rush **The Journal of Peasant Studies** n. 40, 2013. p. 469–83;
- SILVA, J. G. da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982;
- SILVA, L. O. As leis agrárias e o latifúndio improdutivo. **São Paulo em Perspectiva**, n.11(2), 1997. p. 15-25;
- SILVA, C. A. F. da. **Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira**. Cuiabá: Entrelinhas, 2003;
- SILVEIRA, M. L.. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Território**, Rio de Janeiro, v. 6, n.6, 1999. p. 21-28;
- SILVEIRA, M. L. Escala geográfica: da ação ao império? **Terra Livre**, Ano 20, n. 23 v.2, jul.-dez. 2004.
- SILVEIRA, M. L.. Globalización y territorio usado: imperativos y solidariedades. **Cuadernos Del Cendes**, ano 25, n. 69, set.-dez., 2008. p. 01-19;
- SILVEIRA, M. L. Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia. In: SOUZA, A.J. de; SOUZA, E.B.C. de & MAGNONI JÚNIOR, L. (Orgs). **Paisagem território região: em busca da identidade**. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2010;
- SILVEIRA, M. L.. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, n. XV, Vol. XV (1), jan.-dez., 2011. p. 04-12;
- SMITH, N. Contours of a spatialized politics: Homeless vehicles and the production of geographical scale. **Social text**, n. 33, 1992. p. 55-81;
- STAUFER, C. Big Chinese soy project in Brazil: so far, just an empty field. 04 de abril de 2014, **Reuters**. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/brazil-china-soybeans-idUSL1NOLT1ZI20140404>>. Acesso em 25 de jun. 2016;
- SWELJEW, Y. M., **Financeirização do agronegócio e uso do território: as estratégias do grupo SLC agrícola no território brasileiro**. (Relatório de iniciação científica) Rio Claro: FAPESP/UNESP, 2016;
- SWYNGEDOUW, E. Neither global nor local: ‘glocalization’ and the politics of scale. In Cox, K., editor, **Spaces of globalization**. New York: Guilford Press, 1997. p. 137–166.
- SWYNGEDOUW, E. Modernity and Hybridity: Nature, Regeneracionsimo, and the production of the Spanish Waterscape, 1890-1930. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 89 (3), 1999, p. 443-465.
- TEUBAL, M. Expansión del modelo sojero en la Argentina: de la producción de alimentos a los commodities”. **Revista realidad Económica**, n. 220, mai.-jun., 2006;
- VARROTTI, A. P. S. Las megaempresas en las redes de producción del agronegocio argentino. Un análisis estructural. **Teoria e Cultura**, v. 10, n. 2, 2015.

VISSER, O. Finance and the global land rush: Understanding the growing role of investment funds in land deals and large-scale farming. **Canadian Food Studies** n.2(2). 2015. p. 278–286;

VISSER, O. Running out of Farmland? **Agriculture and Human Values**. 2016 doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10460-015-9679-7>;

VISSER, O.; M. SPOOR, 'Land Grabbing in Post-Soviet Eurasia: The World's Largest Agricultural Land Reserves at Stake'. **The Journal of Peasant Studies**, n. 38(1), 2011. p.299 – 323;

WALLERSTEIN, I. **World-System Analysis: an introduction**. Duke University Press. 2005;

WHITE, B.; BORRAS JR.; S.M.; HALL, R.; SCOONES, I.; WOLFORD, W. The new enclosures: critical perspectives on corporate land deals. **The Journal of Peasant Stud.** n. 39 (3/4), 2012. p. 619–647. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2012.691879>;

WILLIAMS, J.W. Feeding finance: a critical account of the shifting relationships between finance, food and farming. **Economy and Society**, 2014. p. 1–31. <http://dx.doi.org/10.1080/03085147.2014.892797>;

WROUGHTON, L. IFC to invest in new agribusiness fund. **Reuters**, 12 de fevereiro de 2009. Disponível em: <<http://farmlandgrab.org/2766>>. Acesso: 12 de dez. 2015;

YOGUEL, G.; MILESI, D.; NOVICK, M. **Entorno productivo y ventajas competitivas: el caso de una trama siderúrgica**, (Colección investigación, Serie Informes de Investigación) UNGS: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2003;

Relatórios, Jornais e Revistas

ABIOVE, **Estatística de exportação do complexo soja**, 2014. Disponível em: <www.abiove.org.br>. Acesso em: 27 out. 2014;

ADECOAGRO, **Institutional presentation**, 2010;

ALICEWEB/MDIC, **Estatística do Comércio exterior**, 2014. Disponível em <www.aliceweb.mdic.gov.br>. Acesso em 11 dez. 2014;

AGROESTAT. **Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. 2014. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT_CADASTRO.html> . Acesso em: 15 mar. 2014;

ASSOCIAÇÃO DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL – AEB. **Radiografia do comércio exterior brasileiro: passado, presente e futuro**. Rio de Janeiro, 2012. 45p. Disponível em: <<http://www.aeb.org.br>>. Acesso em: 24 mar. 2014;

AGREX. **Ceagro agora é Agrex do Brasil**. E está de cara nova, 2016. Disponível em: <<http://www.agrex.com.br/noticias/ceagro-agora-e-agrex-do-brasil-e-esta-de-cara-nova/>>. Acesso em: 24 abr. 2016;

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BCB. **Anuário Estatístico do Crédito Rural**. Série Histórica 2000 – 2012, 2012. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?RELRURAL>>. Acesso em: 24 de mar. 2014;

BANCO MUNDIAL. **Rising Global Interest in Farmland**. Can it yield sustainable and equitable benefits?, 2014. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/DEC/Resources/Rising-Global-Interest-in-Farmland.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014;

BCG – GLOBAL ASSET MANAGEMENT. **Steering the course to growth**. Relatório, 2014. Disponível em: <https://www.bcgperspectives.com/content/articles/financial_institutions_global_asset_management_2014_steering_course_growth/>. Acesso em 15 de out. 2015;

BRASILAGRO, Companhia Brasileira de Propriedades Agrícolas. **Relatório de Demonstrações Financeiras – Brasilagro**, 30 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.brasilagro.com/brasilagro2011/web/conteudo_pt.asp?tipo=36826&id=0&idioma=0&conta=28&submenu=0&img=0&ano=2015>. Acesso em: 10 jan. 2016;

BROOKFIELD. **Relatório Anual**, 2015. Disponível em: <<http://www.brookfieldbrasilra.com.br/inicial/>>. Acesso em: 12 abr. 2015;

CENSO AGROPECUÁRIO IBGE. **Censo Agropecuário**, 1970. Disponível em: <<http://www.seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2015;

COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA, **Conflitos no campo – Brasil 2016**. Disponível em: <www.cptnacional.org.br>. Acesso em: 20 out. 2015;

COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA, **Conflitos no campo – Brasil 2017**. Disponível em: <www.cptnacional.org.br>. Acesso em: 15 abr. 2018;

DEPARTAMENTO DE MONITORAMENTO DO SISTEMA FINANCEIRO E DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO – DESIG. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Investimento Externo Direto**. Série Histórica, 1999 – 2009.

EL TEJAR, **Minuta do prospecto preliminar de distribuição pública primária e secundária de certificados de depósito de ações representativos de ações classe A de emissão da El Tejar**, 2008;

EMPEA. Global limited partners survey. **Investors' views of private equity in emerging markets**, 2015. Disponível em: <empea.org/research/surveys/2015-global-limited-partners-survey>. Acesso em: 03 mar. 2016;

ESALQ/CEPEA/USP. **Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiróz”. Centro de Estudos de Economia Avançada. Indicadores de Preços (soja, trigo e milho), 2004 a 2013**, 2013;

EXAME. **Mitsubishi compra 20% da Ceagro mediante subscrição de ações**. Caderno Dinheiro. 27 de janeiro de 2012.

EXAME. **Os novos donos da terra**. Edição 933. 11 de dezembro de 2008;

FAO, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA. **Dinamica del mercado de la tierra en America Latina y el Caribe**. Santiago: FAO. 2011;

FNP- CONSULTORIA. **Relatório de Análise do Mercado de Terras**, 2012;

BM&F/BOVESPA, Empresas listadas 2015, 2015. Disponível em: <www.bmfbovespa.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2015;

GLOBO RURAL. **Grupo chinês Chong Qing Grain Group Corporation Limited Liability Company desembarca no Brasil em Barreiras**, BA. 01 de abril de 2011;

GRAIN. **Releases data set with over 400 global land grabs**. 2012. Disponível em: <<https://www.grain.org/article/entries/4479-grain-releases-data-set-with-over-400-global-land-grabs>>. Acesso em: 13 abr. 2016;

HIGHQUEST PARTNERS, United States. **Private financial sector investment in farmland and agricultural infrastructure**. OECD Food, Agriculture, and Fisheries Papers, N. 33: OECD Publishing, 2010;

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE** (1980) Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE** (1985) Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE** (1995/96) Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE Produção Agrícola Municipal. Série Histórica 1990-2012**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>>. Acesso em: 24 de mar. 2014;

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE. Censo Agropecuário. 1975 a 2006**;

INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION – IFC. **Annual Report 2015**. Disponível em: http://www.ifc.org/wps/wcm/connect/CORP_EXT_Content/IFC_External_Corporate_Site/Annual+Report. Acesso em: 10 de abr. 2016;

ISTO É. **O agronegócio em Wall Street**. Caderno Dinheiro. Finanças. 01 nov. 2012;

NYSE, **Adecoagro S.A. Agro**. Disponível em:<www.nyse.com> acesso em: 15 set 2015;

O ESTADO DE SÃO PAULO, **Novo eixo exportador valoriza terras** , 10 de março de 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/>>. Acesso em: 22 mar 2016;

O ESTADO DE SÃO PAULO, **Família Maggi, do rei da Soja, entra na lista de bilionários da Forbes**, 11 de abril de 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,familia-maggi-do-rei-da-soja-entra-na-lista-de-bilionarios-da-forbes,181831e>>. Acesso em: 22 mar. 2016;

OXFAM. 2011. **Land and power: the growing scandal surrounding the new wave of investments in land**. Oxford: Oxfam. Disponível em: <<http://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/bp151-land-power-rights-acquisitions-220911-en.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2011;

PREQIN. **Global private equity and venture capital report**. 2015.

REDE SOCIAL DE JUSTIÇA DOS DIREITOS HUMANOS, **A Empresa RADAR S.A e a especulação com terras no Brasil**. Disponível em:<www.social.org.br> Acesso em 10 de janeiro de 2016;

SAVANACHI, E., *Rei da soja, rei do boi*. Revista Dinheiro Rural, setembro de 2010, edição 69;

SECRETARIA DO COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX). Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Estatísticas de Comércio Exterior**. 2010. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 20 de mar. 2014;

SLC AGRÍCOLA, **Apresentação Farm Day**, 2014;

SLC A. **Relatório Institucional**, 2015; 2016;

THE CORNER HOUSE. **The global consequences of private equity**. Corner House Briefing 37. Out. de 2008;

THE ECONOMIST. **Brazilian agriculture: the miracle of the Cerrado**. The Economist 26 de ago. de 2010;

TOWERS WATSON, **Top pension fund assets hit \$15 trillion**. 02 de set. 2014. Disponível em: <<https://www.towerswatson.com/en/Press/2014/09/Top-pension-fund-assets-hit-15-trillion-US-dollars>>. Acesso em: 24 abr. 2015;

VALOR ECONÔMICO. **Capitalizada, Agrifirma Mira 'Mapito' E Centro-Oeste**, Empresas. 11 nov. 2011a;

VALOR ECONÔMICO. **Mesmo com captação, Agrifirma mantém planos de IPO**. 06 nov. de 2011b;

VALOR ECONÔMICO. **Fundos soberanos avançam sobre tradings de commodities**. Caderno Empresas. 27 de fev. de 2012;

VALOR ECONÔMICO. **Criada há 5 anos, Sollus procura comprador**. Agronegócios. 28 jun. 2013.

VALORAL ADVISORS. Global food & agriculture investments outlook: **institutional investors meet farmers** (Relatório). 2015. Disponível em: <<http://www.responsability.com/investing/data/docs/de/15524/market-news-doc-valoral-03072015.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2015;

VALOR ECONÔMICO. **Sojitz negocia compra do controle da CGG Trading**. Agronegócios. 18 de nov. de 2016;

VISION BRAZIL INVESTMENTS. **Estratégias dos fundos de participações no Brasil** (Palestra). ANBIMA, 2015.